Com a palavra

GRACE GIANOUKAS

Atriz, 59 anos, criadora da lendária Terça Insana, inquieta por natureza



Angela Corrêa
angela.correa@orbi.news

‘A troca com o público me localiza no lugar de criadora’



Em papo com a Orbi, Grace Gianoukas faz justiça a Dercy Gonçalves e à sua própria obra

HELOISA BORTZ/DIVULGAÇÃO

Tanto a protagonista quanto a inspiração par o espetáculo “Nasci para Ser Dercy” são pequenos catalisadores do teatro brasileiro. Pequenas em estatura, gigantescas artistas, Grace Gianoukas e Dercy Gonçalves (1907-2008) se conectam pela habilidade de arrancar gargalhadas. Em cartaz no Teatro Itália Bandeirantes até 26 de fevereiro (e com temporada confirmada no Teatro Opus Frei Caneca a partir de março), o espetáculo de Kiko Rieser faz jus às duas. Mostra o quão incompreendida Dercy foi. E o quanto Grace tem dimensão dramática que nem sempre transpareceu em seus papéis mais recentes. Abaixo, ela comenta suas descobertas sobre Dercy e diretrizes para seus 40 anos de carreira.

Qual foi o fator decisivo para você topar fazer o espetáculo?
Quando eu fui convidada pelo autor e diretor, o Kiko Rieser, eu falei: ‘Dercy? Tá, vou ler’. Aí eu achei o texto muito interessante. Principalmente porque ele aborda a Dercy em um lugar em que as pessoas não costumam ver: como mulher pioneira. Ela foi pioneira em tudo. Ela trouxe improviso e uma linguagem brasileira para dentro do teatro. Essa mulher que nasceu em 1907 lutou tanto por nós mulheres. Mas deixei bem claro que não sou uma imitadora. Não espere isso de mim, porque não sei fazer imitação. Mas eu vou buscar. E realmente foi um desafio a composição de tudo isso. Eu não faço exatamente a Dercy, faço a Vera, uma atriz que vai fazer um teste para um filme da Dercy. E ela conta quem era Dolores [o nome verdadeiro de Dercy]. Foi uma composição em camadas e isso me deixou um pouco mais confortável.

E você descobriu algo novo durante a pesquisa para a peça?
Com certeza.[Descobri] essa parte tão importante que foi a Dercy que trouxe o improviso para dentro da comédia porque antigamente era tudo copiado de fora. A comédia mais clássica apresentada nos teatros eram textos vindos de fora. Eram pouquíssimos textos brasileiros e os enlatados não são exatamente a linguagem brasileira. E ela levou o jeito brasileiro para a comédia tradicional que vinha de fora. Acho que só fui me dar conta ao fazer esse trabalho que esse conceito de engraçado quem instalou culturalmente no Brasil foram Dercy, Oscarito e Grande Otelo. A gente deve tudo a ela.

Em que momentos de sua carreira você reconhece que teve de ‘baixar uma Dercy’ e falar a real?
Olha, muitas vezes eu já tive situações na minha vida que ou me defendia ou passavam por cima de mim. Me lembro que fui fazer um teste para um grande diretor do teatro, ele já se foi. Famosíssimo, conceituadíssimo, uma coisa. Entrei numa fila para me inscrever para o teste. Pensei: “Nossa, é muito importante fazer isso no início da minha carreira”. Aí ensaiei, ensaiei e ensaiei. Chegou o grande dia, estava em um estado de nervos. Fiquei horas esperando naquela fila, cheguei para fazer o teste e ele nem olhava para a minha cara. Ficava falando com o assistente. Eu parei e falei: “O que é? Não, não, não! Fiquei em uma fila de horas para poder me inscrever, estudei pra caramba. Tu pode não me aceitar, pode não gostar da minha cara, mas o mínimo que você pode fazer é ter respeito pelo que eu fiz e assistir”. Ele virou e assistiu. Não passei, é claro. Tinha 21 anos. Você tem que saber o valor que tem.

Em 2022 você celebrou os 40 anos de carreira e revisitou seus personagens, como os da Terça Insana, que você criou e dirigiu. Deu saudade dessa ‘loucura’?
Não, acho que tudo tem seu tempo. E eu justamente decidi fazer o “Grace em Revista”, que é uma retrospectiva desses 40 anos porque percebi que construí uma obra como autora e como atriz e eu precisava revisitar. Imagina 40 anos em uma hora e 40 minutos? É pouco tempo, mas eu precisava contar. É como uma exposição do meu trabalho para as novas gerações, que só me viram pela internet, ou pessoas que são meus fãs e não me veem há muito tempo. Foi realmente uma espécie de conclusão.

A mesma geração que te assistiu no Rá-Tim-Bum também te assistiu na Terça Insana. Como você dialoga com esse público?
O “Rá-Tim-Bum” é algo que me orgulho muito de ter feito, houve muito respeito com a criança. Depois, eu andando pelo Brasil inteiro, muitas pessoas falaram: “Olha, é a mãe do ‘Rá-Tim-Bum’”. Muita gente também me viu em vários outros trabalhos e eu acompanho eles. Tem gente, por exemplo, que me viu no “Rá-Tim-Bum” e aí foi me assistir em um espetáculo que eu fazia, “Não Quero Droga Nenhuma”, que foi a primeira comédia a falar sobre dependência química. É tão bom ouvir essa geração florescer, frutificar e plantar coisas. Às vezes, eu vou para alguma cidade e tinha o pessoal que foi me ver com 14, 15 anos e não podia entrar, mas agora está casado e traz os filhos. A gente troca muito assim e é muito importante para mim porque isso me localiza, me coloca no meu lugar de criadora.

Você mora em São Paulo desde 1984. Que papel a cidade tem na sua criatividade?
São Paulo me deu oportunidade de assistir muitas coisas interessantes, mas também de encarar vários trabalhos que estavam nas páginas dos jornais como uma “coisa”. Chegava lá, não era nada daquilo. São Paulo não é uma cidade fácil, é uma cidade com muitas atrações, muitas possibilidades, muitas dificuldades, mas aqui a coisa acontece, né?

Quem é?
Nascida em Rio Grande, litoral gaúcho, Grace Gianoukas aprendeu cedo a se dar valor. E a botar a mão na massa. De “mãe” do infantil Rá-tim-Bum nos anos 1990 à “mãe” do Terça Insana, que criou e dirigiu a partir de 2001, ela revolucionou o humor nos palcos e influenciou gerações de comediantes

